

Uma menina estuprada por diversos homens. Não, não estou falando, pelo menos por ora, do caso do estupro coletivo da adolescente de 16, no Morro do Barão, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, que foi notícia em todos os jornais nos últimos dias, mas de outro bem mais antigo. O capítulo 19 de Juízes narra o acontecido:

Vejam, aqui está minha filha virgem e a concubina do meu hóspede. Eu as trarei para vocês, e vocês poderão usá-las e fazer com elas o que quiserem. Mas, nada façam com esse homem, não cometam tal loucura!"

Mas os homens não quiseram ouvi-lo. Então o levita mandou a sua concubina para fora, e eles a violentaram e abusaram dela a noite toda. Ao alvorecer a deixaram.

Ao romper do dia a mulher voltou para a casa onde o seu senhor estava hospedado, caiu junto à porta e ali ficou até o dia clarear. Quando o seu senhor se levantou de manhã, abriu a porta da casa e saiu para prosseguir viagem, lá estava a sua concubina, caída à entrada da casa, com as mãos na soleira da porta. Ele lhe disse: "Levante-se, vamos!" Não houve resposta. Então o homem a pôs em seu jumento e foi para casa.

Quando chegou em casa, apanhou uma faca e cortou o corpo da sua concubina em doze partes, e as enviou a todas as regiões de Israel. (Juízes 19:24-29)

O fato se deu no seguinte contexto: um levita (representante da religião) resolve buscar a sua concubina (que havia o deixado) na casa de seu pai. Contudo, é encurralado por um grupo de homens. A sua solução e a de seu sogro é esta que você viu acima. Eles oferecem a mulher no lugar dele, que era o alvo inicial (Jz 19.1-23).

O levita e o sogro não apenas entregaram a mulher às perversões e a violência daquela turba impiedosa, como também dormiram tranquilamente enquanto abusavam dela! Mas a violência não para aí. O homem, ao encontrá-la morta no degrau da porta, sem sentir qualquer culpa colocou seu corpo sobre um jumento, a esquartejou e mandou cada parte para as tribos com o intuito de mobilizar o apoio contra os homens de Gibeá.

Mas o que isso tem a ver conosco, com o episódio recente e com essa cultura do estupro?

¹ Possui graduação em teologia (Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil), metrado em Teologia (Puc-Rio) e é doutorando também em teologia (Puc-Rio) com estágio sanduíche no Centro de Estudos de Religião da Universidade Católica Portuguesa em Lisboa. É pastor Batista e professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Pesquisador da área do diálogo entre teologia e literatura. Atualmente é membro da diretoria da ALALITE (Associação latino-americana de Literatura e Teologia) e do grupo de pesquisa Apophatiké de estudos interdisciplinares em Mística.

Sem dúvida, a Bíblia é um livro que nos lê. Quando lida comunitária e seriamente, como destaca Carlos Mesters, “se torna um espelho, no qual as pessoas descobrem dimensões mais profundas da sua própria vida que antes não tinham percebido”². Ou seja, no palco das escrituras e de suas múltiplas leituras os personagens são também arquétipos nossos, homens e mulheres com os quais nos identificamos.

Somos exatamente como esse levita. Entregamos nossas mulheres para serem violentadas e mortas todos os dias. Afinal, cinco mulheres são espancadas a cada 2 minutos no Brasil; o parceiro (marido ou namorado) é o responsável por mais 80% dos casos de violência reportados pelas mulheres; uma em cada cinco mulheres já foi espancada pelo marido, namorado ou ex; o número real de estupros que acontecem por ano no país é de pelo menos em torno de 530 mil.

Somos como esse levita quando dormimos tranquilamente ou vivemos em estado sonambúlico embalados pelos argumentos que justificam e sustentam isso tudo, que é uma cultura de subalternidade e silenciamento.

Somos como esse levita quando não rompemos com certa hermenêutica que reitera, a partir de textos bíblicos, as relações histórico-sociais de alienação e subjugação para com o feminino que obrigam as mulheres a submeterem seus corpos a um conjunto infundável de atrocidades (o que Bourdieu chamaria de violência simbólica!).

Somos como esse levita quando deixamos de repensar nossas relações com as mulheres a partir de Jesus e as invisibilizamos. Naquele contexto em que elas eram desprezadas e debeladas, aparecem como as últimas testemunhas de sua morte e as primeiras de sua ressurreição. Não fogem como os discípulos masculinos e depois anunciam a mensagem pascal, que não existiria na forma atual se não fossem os testemunhos delas. Mas não só isso, elas são alvo e acompanham de perto a atuação Jesus. Maria Madalena, Maria de Nazaré (sua mãe), a pecadora pública que unge seus pés na casa do fariseu Simão (Lc 7.36s), Marta e Maria (irmãs de Lázaro), a mulher siro-fenícia (Mt 15:21-28), a mulher chamada adúltera (Jo 8.1-11) e tantas outras. Essa comunhão e serviço recíproco com as mulheres foi tão importante para elas como para o próprio Jesus, para a compreensão a respeito de si e do seu ministério.

Somos como esse levita quando em nossas igrejas, fazemos homenagens, entregamos flores e damos “parabéns” a elas em datas especiais, mas não refletimos

² MESTERS, Carlos. A Palavra está presente em todos os setores da vida da Igreja. Disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2134&secao=273, acesso em mar/2017

sobre as opressões machistas que diariamente são impostas as mulheres, inclusive por certa moral religiosa.

Somos como esse levita quando não ensinamos nossos meninos que não há tarefas que são de mulheres ou de homens e deixamos com isso que as mulheres cumpram uma jornada de trabalho três vezes maior que a nossa.

Somos como esse levita quando valorizamos os meninos chamados “pegadores” e exigimos que as meninas sejam “recatadas” e “do lar”.

Somos como esse levita quando passivamente ouvimos as pessoas dizerem que a vítima-mulher também tem culpa, afinal ela usou uma roupa curta demais ou não deveria estar naquele lugar. Eu consigo até ouvir o levita dizendo: mas, ela não foi fiel! (Jz 19.2)

Enquanto a menina de 16 anos, marcada para sempre por aqueles 33 homens, tenta continuar a sua vida, se dormimos tranquilos, somos todos como aquele levita. No fundo, com nossos discursos e práticas diárias mantemos nossos privilégios e empurramos outras para o mesmo destino.

Enfim, somos como esse levita enquanto não nos arrependermos e mais: se não despertarmos, continuaremos sendo uma engrenagem na roda que perpetua essa cultura do estupro.

Que elas nos perdoem e que Deus (Ele/a) nos livre do machismo nosso de cada dia!

Bibliografia

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Paulus Editora. 2003.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MESTERS, Carlos. **A Palavra está presente em todos os setores da vida da Igreja**.

Disponível em

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2134&secao=273, acesso em mar/2017